**Há 45 anos, o Espanyol perdia em casa por 3-0 com o Sporting, aos 58 minutos. Virou o jogo, com show do velhinho Di Stéfano**

Aos sete anos, Alfredo, pai de Alfredo, pediu ao filho para rematar uma bola de futebol, nas traseiras da sua casa. Alfredo, filho de Alfredo, não se fez rogado e atirou uma bisca que deixou o pai KO e ainda com um olho negro. Aí, entra a história do tal pai, tal filho: Alfredo di Stéfano, o filho, foi jogar para o River Plate, clube que o pai defendera entre 1910 e 1912.

Aos 17 anos, Alfredo di Stéfano estreia--se no River Plate, é emprestado ao Huracán, volta ao River, emigra para a Colômbia e depois transfere-se para Espanha, onde assina pelo Barcelona e pelo Real Madrid. Acaba por ficar em Madrid, onde actua 11 épocas e levanta 15 taças, incluindo cinco Taças dos Campeões. Em 1964, com 38 anos, Di Stéfano abandona o Real Madrid, depois da sua sétima final europeia, com o Inter. "O Muñoz, nosso treinador, estava obcecado com o Facchetti, capitão e lateral-esquerdo. Queria marcá-lo individualmente e eu, como capitão, discordei dessa situação. Para quê mudar o nosso estilo de jogo só para marcar um lateral? Perdemos essa final por 3-1 e eu continuei a dizer ao Muñoz que fizemos mal em mudar de táctica. Ele mandou-me à merda e eu respondi-lhe à letra. Alfredo a la calle [Alfredo para a rua]."

O Espanyol lança-lhe então o canto da sereia e Di Stéfano muda-se de armas e bagagens para Barcelona, onde, aliás, encerra a carreira dois anos depois, em 1966, com 406 golos em 558 jogos. Sem o fulgor de outros tempos, o flecha loira ainda era um bico de obra para todos aqueles que o julgavam veterano e sem pernas. Esse erro de julgamento aconteceu variadíssimas vezes durante os 72 jogos em que representou o Espanyol, num deles com o Sporting, para a Taça das Cidades com Feira. Estávamos em Outubro de 1965, quando o sorteio ditou o encontro. Primeiro em Lisboa (2-1 para os leões, com bis de Lourenço) a 10 de

Novembro, depois em Barcelona. É aí, no Sarriá, que tudo acontece. No dia 24 de Novembro, o Sporting está a ganhar 3-0 aos 57 minutos, com golos de Lourenço (26'') e Oliveira Duarte (32'' e 49'').

O Sarriá está em silêncio. É então que Di Stéfano pega na bola, galga terreno, finta Dani, depois Hilário, cruza para a área, Rodilla remata à baliza e Morais afasta com a mão. Penálti. Que José Maria converte: 1-3. O Sarriá começa a acreditar. É então que Di Stéfano faz o mesmo. Golo de Miralles (67''). O Sarriá aplaude. Di Stéfano repete o truque para Rodilla empatar (71''). Está 3-3 e basta um golo ao Espanyol para levar a eliminatória para um terceiro jogo, visto que, na altura, ainda não há aquela regra dos golos fora - se houvesse, o Sporting nunca chegaria à final da Taça das Taças-64, eliminado logo à primeira pela Atalanta, sem necessidade de ir a desempate, em Barcelona. E aqui estamos nós novamente. Aos 73'', Di Stéfano não só recupera a bola como a lança para Rodilla correr e bater Carvalho. É o 4-3 que indica terceiro jogo. No meio-campo, o árbitro Crawford chama os capitães José Carlos e Riera. O sportinguista pede coroa, o catalão resigna-se à cara. E sai cara. O jogo de desempate é em Barcelona, a 15 de Dezembro. E o Espanyol volta a vencer, agora por 2-1 e com Di Stéfano a fazer as assistências para o bis de Rodilla.

Fernando Argila, o treinador espanhol do Espanyol que treinaria o Sporting na época seguinte, em 1966-67, está em êxtase. Do outro lado, o brasileiro Otto Glória nem consegue falar e passa a palavra ao adjunto Juca. "Não estávamos à espera deste Di Stéfano. Julgávamo-lo velho e acabado mas ainda dá uns toques. O público assobiou-o ao intervalo e isso acordou-o para esta exibição deslumbrante."

*In ionline.pt*